

LA VALLA, UM LAR DE LUZ RADIANTE

Arquiteto – Província L’Hermitage, Espanha



1. GESTANDO O ANTEPROJETO...

“EM TI ESTÁ A FONTE DA VIDA
E EM TUA LUZ VEMOS A LUZ” (Sl 36,10)

Corria o mês de dezembro de 2011. O anteprojetado de restauração de La Valla tomava forma quando, por razões de trabalho, fiz uma viagem a Ávila, pequena localidade espanhola, berço de Santa Tereza de Jesus e com notável influência de São João da Cruz, dois grandes místicos carmelitas do século XVI. Uma tarde, acabada a tarefa, visitei um pequeno museu recém-inaugurado que era apresentado com o sugestivo nome de “Centro de Interpretação da Mística”. Seu impacto em mim foi imediato e as consequências que dele derivaram foram de grande alcance.

De repente, todo o trabalho que estava realizando encaixou. Constatei que a Casa restaurada de La Valla podia ser, considerando sua própria identidade como *Lugar de Origem*, um centro de interpretação da espiritualidade marista. E que essa ampla e enriquecedora visão espiritual era o nexos estrutural que organizava e propiciava profundo conteúdo à restauração.

Como havia chegado a esse ponto? A restauração que me fora encomendada tinha como objetivo tornar visível e legível o patrimônio desse Lugar de Origem, dando-lhe forma e sentido. No meu entender, três pontos eram importantes. Primeiro, olhando o passado, situar sua memória, “as raízes maristas”. Segundo, olhando o presente, colocar a Casa em dia, dando-lhe um uso funcional e confortável, apta para a colhida e

Vista panorâmica
de La Valla





a convivência. Terceiro, como L'Hermitage, mais do que um museu, era importante que se convertesse para o peregrino em um lugar de reencontro com o espírito de Champagnat, de renovação de seu compromisso marista e de esperançosa confiança no futuro. Buscar "suas raízes, mas também suas asas".

Trabalhos de reestruturação de La Valla – 2013

2. A CASA CHAMPAGNAT

Nossos pés já se encontram dentro de tuas portas, ó JERUSALÉM! (Sl 122,2)

O município de La Valla, em Gier, está localizado em um belo entorno montanhoso, em plena natureza, às portas do parque natural "du Pilat". A Casa Champagnat oferece espaços adequados para a contemplação, o diálogo e a celebração. Quando o visitante chega depois de uma longa viagem, algumas vezes percorrendo milhares de quilômetros, encontra-se diante de um pequeno edifício de natureza doméstica, onde espera ser acolhido e possa vivenciar um encontro, uma verdadeira "visitação". Seus espaços restaurados e os objetos expostos serão os mediadores que permitirão descobrir não apenas Marcelino Champagnat e seus primeiros Irmãos, mas também encontrar o mesmo espírito que os animou e hoje continua animando seus seguidores, Irmãos e Leigos. O viajante, cidadão do século XXI, chega agitado, cheio de "ruído" em seu interior. A Casa deverá, portanto, conduzi-lo progressiva e calmamente ao encontro da vida cotidiana do século XIX. Por este motivo, não se entra diretamente na casa vindo da rua principal, mas o viajante é obrigado a se aproximar

A "Maison Champagnat" em La Valla



a pé, contornando o edifício, até chegar ao interior do grande pátio da escola vizinha. É um breve itinerário que permite observar o passar do tempo simplesmente observando a fachada. Nela descobrirá diferentes janelas, elemento arquitetônico insignificante, mas que descreve o passar do tempo: janelas de madeira com pequenos vidros, em nichos esculpidos na parede de pedra natural, talhada, que evocam o século XIX; outras janelas de alumínio com um único vidro e estrutura metálica de ferro que remetem à modernidade e ao presente; e, finalmente, uma grande janela vertical que conduz ao futuro.

Uma vez aberta a porta de entrada, um umbral envolvente em forma de funil, que reduz progressivamente a altura, conduz ao interior por um minúsculo corredor escuro.

Nele se vê a imagem de Maria, oculta em um nicho, pela qual se descobre, de repente, que estamos entrando em um lugar singular.

Os movimentos íntimos obtidos graças à diversidade dos espaços interiores, a combinação equilibrada de materiais rústicos e naturais, os objetos significativos e evocativos colocados em cenários específicos, enfim, a combinação da arquitetura moderna em contraste com a do século XIX estimularão definitivamente o ânimo do visitante nesse encontro atemporal que abraça passado, presente e futuro.



3. OS TRÊS PAVIMENTOS DE LA VALLA

AMARÁS AO SENHOR TEU DEUS
COM TODO TEU CORAÇÃO,
COM TODA TUA ALMA
E COM TODA TUA FORÇA”
(Dt 6,4)

Desde o princípio decidi que o prédio teria três andares principais: o subsolo, o andar térreo e o andar superior, estabelecendo as condições necessárias para modernizar e implementar as condições estabelecidas.

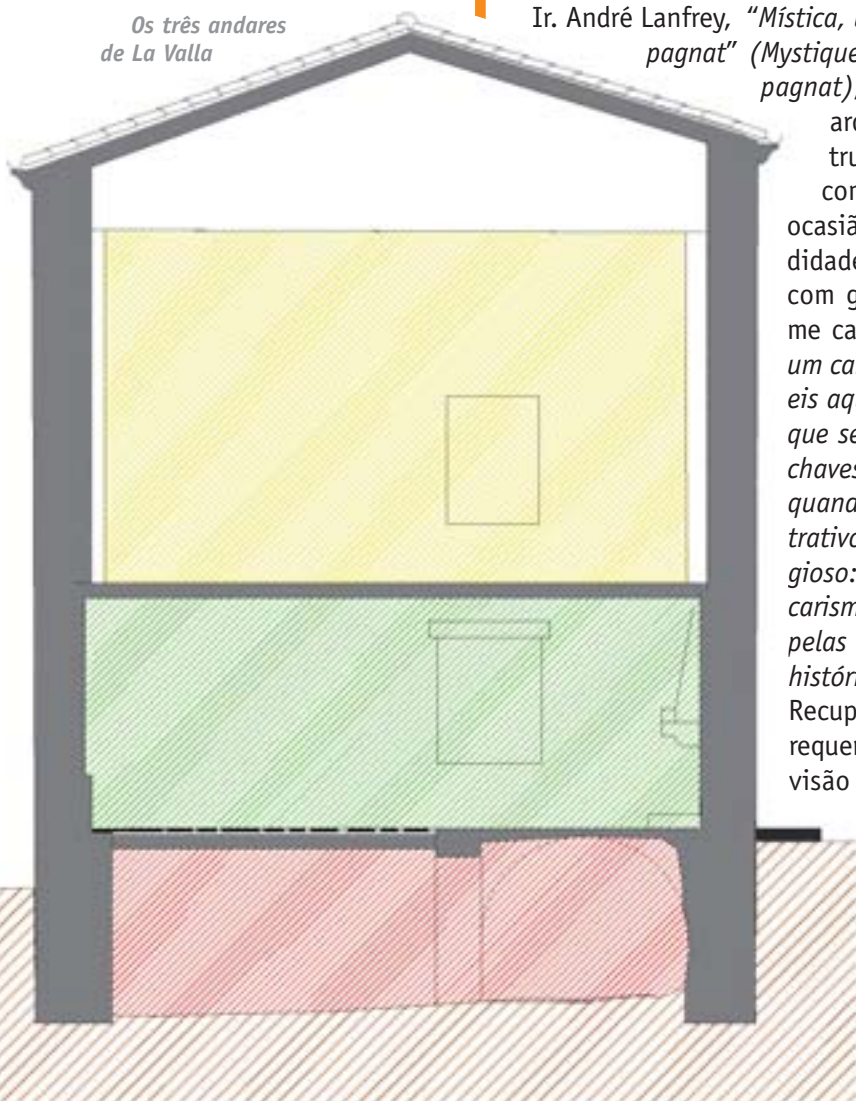
Encontrava-me absorto nessas reflexões quando recebi um artigo do Ir. André Lanfrey, *“Mística, utopia e instituição na casa do P. Champagnat”* (*Mystique, utopie et institution chez le P. Champagnat*), publicado em janeiro de 2011. A

arquitetura cria uma cumplicidade indestrutível entre as pessoas, quase tão grande como a música. Com Lanfrey havíamos tido ocasião de debater arduamente e em profundidade durante as obras de L’Hermitage. Li com grande interesse seu artigo. O início já me cativou: *“Marcelino Champagnat, filho de um camponês, tornou-se sacerdote e fundador: eis aqui um destino bastante excepcional para que se interrogue retrospectivamente sobre as chaves de seu êxito. Há duas maneiras de errar quando se quer apresentar um esquema ilustrativo: O primeiro é explicá-lo todo pelo religioso: a graça, a santidade, a vocação, o carisma... O segundo é querer explicá-lo todo pelas ciências humanas, fazendo referência à história, à sociologia, à economia...”*

Recuperar e apresentar o “espírito” de La Valla requeria um relato transversal, combinando a visão científica com as ciências humanas e com a linguagem simbólica.

Visão científica porque a pequena casa que Marcelino alugou em 1817 e viveu até 1824 era um *corpo físico e material*, construído em um tempo e em um lugar e, como tal, podia fornecer dados objetivos de acordo com um método: um objeto que se toca, olha, escuta (seus ruídos), cheira (a

Os três andares
de La Valla



umidade, a madeira velha, as flores do jardim) e mede sua temperatura. É um objeto que envelheceu, já se queimou, foi reconstruído e ampliado... Visão das ciências humanas porque propiciava a aproximação sociológica: sua história, geografia e sua economia. E visão simbólica porque a Casa também *podia* ser relatada subjetivamente por meio de símbolos e metáfora, da poesia e da arte. Como *sentir* Marcelino quando se visita “sua casa”, como *sentir seu espírito*?

Assim, entrando no domínio metafísico, onde a medida do espaço-tempo se relativiza e se transforma, chega-se a perceber por meio do mediatamente presente o que está imediatamente ausente. O mesmo recurso abriria a imaginação ao século XIX para perceber a disposição apostólica dos primeiros Irmãos. Desse modo, o projeto de restauração foi se enriquecendo progressivamente com relatos complementares que deveriam permitir ao visitante consciente o encontro desejado.

Nesse mesmo artigo, Lanfrey continua explicando que cada ser humano, como toda sociedade, se estabelece sobre a base de ***três conceitos-chave antropológicos*** tão pertinentes para a análise de um destino laico como de um percurso religioso, entendendo em primeiro lugar “*a Mística como referência a um exterior a si mesmo, seja laico como o bem, a beleza, a humanidade, ou referente a uma divindade. Considerando por sua vez a Utopia como o projeto de renovação do mundo de acordo com um esquema ideal e pacífico. E vendo a Instituição como corpo encarregado de fazer a lei e garantir o bem comum no futuro (do Estado, da Igreja, de uma Escola...). Um corpo em que a gestão aparece como elemento de grande valor.*”

Lanfrey conclui seu artigo com uma proposta de ampliação mental libertadora, voltando aos três conceitos-chave, porém lhes dando um matiz estrutural ao considerá-los agora como “pilares”: “*Champagnat poderia ser visto como um ‘caso clássico’ pelos gestores profissionais, pois de certo modo é um bom modelo de empreendedor. Toda a sua vida nos revela, com efeito, que soube combinar imperfeitamente, mas sem enfraquecimento irremediável, os três pilares sobre os quais repousa toda criação humana, seja uma empresa, uma Igreja, uma nação ou, mais modestamente, uma congregação: O pilar*



Místico, que dá solidez fundada no transcendente e na capacidade de transformar um pensamento do domínio profano ao sagrado. É fonte de constância e de mobilização de si mesmo. O pilar Utópico que, preocupado em transformar o mundo, é fonte de inspiração e de ação. O pilar Institucional, que obriga a mística e a utopia a se confrontarem com a realidade e o tempo.”

O esquema funcional ternário em que eu estava trabalhando, enriquecido por essa reflexão, dotava cada andar de um rico conteúdo simbólico. Porém, com que linguagem arquitetônica poderia me expressar? Recordei meu encontro com o Irmão alemão *Augustin Hendlmeier*, da Província Europa Centro-Oeste, em L’Hermitage durante o verão de 2010. Na pequena ponte que atravessa o Gier dentro do recinto, o Irmão contemplava em silêncio o Edifício Novo. Quando passei ao seu lado, ele me saudou com atenção e me perguntou: “*Você é o arquiteto?*” “*Sim*”, respondi. “*Vejo que você é um discípulo privilegiado de Mies van de Rohe, o ale-*

mão que foi o pai do Movimento Moderno arquitetônico do século XX”, comentou. Perplexo, perguntei: “E você, quem é”. “Sou o Irmão Augustin Hendlmeier”. Minha surpresa foi enorme. Ao me explicar que residia em Dessau, cidade alemã onde nascera esse estilo arquitetônico, compreendi. Augustin, com a precisão de um crítico de arquitetura, utilizou a linguagem arquitetônica que eu mesmo havia empregado em L’Hermitage, sobretudo sobre o novo edifício: “O novo estilo da arquitetura moderna se distingue por sua funcionalidade, sua excelente claridade, a unidade de suas formas e, sobretudo, sua grande simplicidade. Contemplando essa nova construção, percebi que tenho em mim o mesmo estilo arquitetônico do Movimento Moderno arquitetônico que revolucionou a Europa no século XX e que, em minha modesta opinião, reflete perfeitamente a simplicidade Marista”.

*Com emoção contida, afirmou que “a harmonia criada entre o edifício antigo e a nova construção é realmente um êxito. **Devemos ver aqui um sinal de um novo nascimento para uma nova dimensão da história Marista, profundamente enraizado neste lugar e garantia da perenidade de nosso caráter e espiritualidade específica**”.*

*Ele acabou seus comentários com um desejo contundente: **Deixemo-nos inspirar pelo espírito de São Marcelino que certamente haveria saudado com entusiasmo esse novo símbolo de esperança. Inspiremo-nos no espírito de L’Hermitage renovado!***

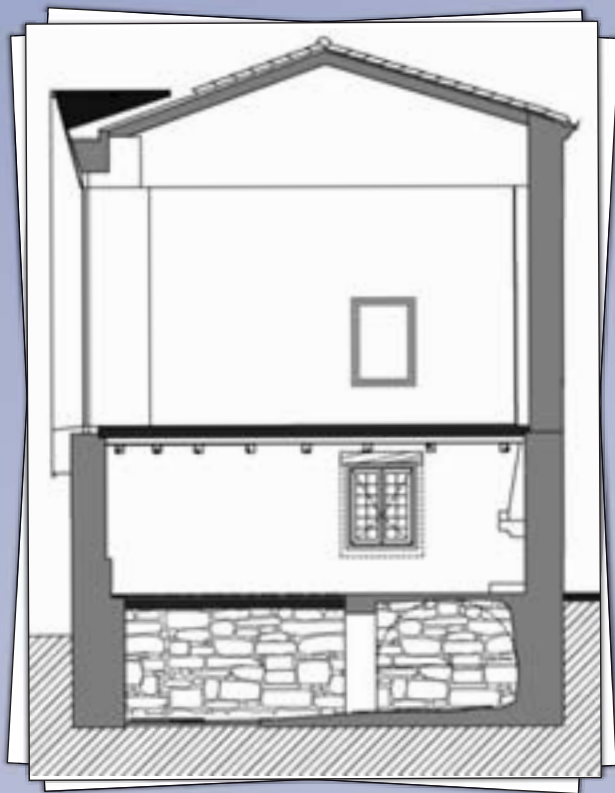
*Estava claro. Em La Valla, a modernidade presidiu a restauração que enfrentou os desafios do século XXI com a mesma linguagem revolucionária que os arquitetos pioneiros do século XX responderam ao desafio de romper com a *Art Nouveau* e o Neoclassicismo.*

4. UM ITINERÁRIO PELA CASA

Apesar de suas reduzidas dimensões, a visita à Casa de La Valla restaurada permite vários itinerários segundo a ordem como se visitem os diferentes andares. Cada itinerário oferece uma experiência singular que o visitante, peregrino marista, pode apreciar.

Em 2014, o Ir. Emili Turú, na tradicional mensagem que envia a todo o Instituto por ocasião da festa de São Marcelino Champagnat, explicava com imagens os três anos de preparação ao bicentenário da fundação





do Instituto (2017): “Pedagogicamente, vamos percorrer esse caminho guiados por três ícones maristas. Em primeiro lugar, **o ano Montagne**. Somos convidados a ser Jesus para os Montagne de hoje, a acompanhá-los com ternura e delicadeza em seu caminho. Em segundo lugar, **o ano Fourvière**. Associados para a missão, quer dizer, associados em torno da figura de Jesus. De uma parte, sem olhar para trás, nem sendo tampouco daqueles que se separam de Jesus e seguem seu próprio caminho. E em terceiro lugar, a sugestão do **ano La Valla**. Esse convite é para cultivar a dimensão mística de nossas vidas: o encontro com Jesus, pão da vida, para que também nós possamos contagiar em plenitude ao nosso redor.”





JOAN PUIÇ-PEY
ARQUITETO
PROVÍNCIA L'HERMITAGE,
ESPANHA

2. LA VALLA: o subsolo, A MÍSTICA

**“Buscai ao Senhor enquanto se pode achar,
invocai-o enquanto está perto.” (Isaiás 55,6)**

A MÍSTICA É ENTENDIDA COMO A REFERÊNCIA A UM TRANSCENDENTE EXTERIOR A SI MESMO, SEJA LAICO, COMO O BEM, A BELEZA, A HUMANIDADE... OU REFERENTE A UMA DIVINDADE. O NÍVEL INFERIOR DA CASA CHAMPAGNAT É UMA “CAVE” ESCAVADA QUASE TODA NA ROCHA.

A restauração a higienizou, respeitando seu volume original quase sem alteração. Rocha visivelmente esculpida, alvenaria de pedra bruta, soleiras com restos de madeira velha... Poucos objetos dispostos para sua decoração: a enorme pedra onde se forjavam pregos,

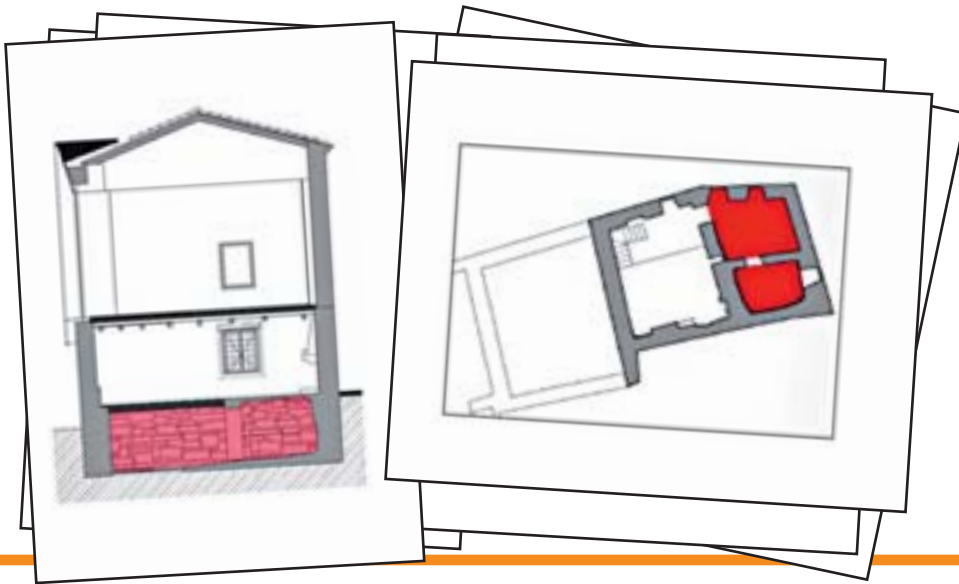
uma cruz na zona mais íntima da pequena adega abobadada... Um subsolo com três espaços consecutivos de pequenas dimensões, escuro, com uma fonte intermitente de água corrente e acessado a partir do piso térreo por meio de uma escada de metal com dez degraus.

Um ambiente onde se lê perfeitamente a história dos primeiros momentos da Fundação em 1817: o tipo de construção de casa de campo do século XIX, a economia precária (fabricação de pregos), o frio e a umidade do inverno, a dureza de uma vida sem nenhuma comodidade a que hoje nos acostumamos.

Esses espaços permitem uma poderosa leitura simbólica: a descida ao subsolo, à adega escondida, interior, evocam “a descida” ao espaço da experiência mística. No Convento *de la Fuenciscla* (Segóvia, Espanha) dos carmelitas descalços, evocando São João da Cruz, uma inscrição se apresenta na entrada de um subsolo muito parecido com o de La Valla:

*“Conduze-nos à adega interior,
onde a vida em Deus é transformada,
onde a fé se ilumina e se aquieta,
onde a morte é vida renovada.”*





Planta do porão
de La Valla

A morada interior, o reino do silêncio e da oração contemplativa, sem estridências, com frequência em trevas. Dez degraus conduzem a esse espaço íntimo. Dez, número que nas Escrituras simboliza o completo: dez mandamentos da lei. Dez leprosos são curados por Jesus. Dez virgens esperam o noivo. Dez dracmas possui a mulher na parábola de Lucas... Dez degraus ao nosso interior simbolizam um caminho completo.

É muito simples perceber, na Casa La Valla renovada, que a consistência de nossa fraternidade e a razão de ser de nossa missão apostólica se fundamentam na experiência mística do encontro com Jesus no mais íntimo do nosso coração.

A escada que leva ao subsolo é de metal, do mesmo metal que cobre certas paredes de L'Hermitage e reveste a ponte sobre o Gier.

Com esse gesto La Valla remete a L'Hermitage, simbolizando que o caminho de descida até o mais íntimo do nosso coração exige solidez e fortaleza, a mesma que se necessita em L'Hermitage para sair do velho Edifício (século XIX) ao Novo, símbolo do mundo do século XXI.

O subsolo também evoca o tempo de maturação controlada, como ocorre com o vinho: no íntimo da "cave", na obscuridade, na umidade e no silêncio, não se pode permanecer muito tempo. Transformada a vida, iluminada e acalmada nossa fé, é preciso sair, subir novamente ao andar da fraternidade e partir para o mundo, deixar-se "beber", sendo testemunhas de vida renovada. No subsolo, além disso, aflora um manancial intermitente de água, conforme a temporada das chuvas. Em uma moradia convencional isso seria um grande inconveniente. No entanto, em La Valla, é um símbolo muito poderoso: a visão que nos remete à água viva. "De seu interior fluirão rios de água viva", disse João. E também: "Aquele que tiver sede que venha a mim e beba da água que darei", anuncia o mesmo Jesus. Em uma palavra: o subsolo em La Valla expressa que é indispensável uma firme e completa experiência mística para uma plena vida espiritual, marista. A experiência pessoal do andar inferior é "o encontro" que edifica fundações adequadas, a fonte inesgotável de energia, exercício da alma, disposição para enfrentar "em boa forma" o dia a dia.

Como indicou André Lanfrey em seu artigo:

*A Mística dá uma solidez fundada sobre o transcendente e a capacidade de transformar um pensamento do domínio profano ao sagrado.
É fonte de constância e de mobilização de si mesmo.
No entanto, pode se reduzir a esoterismo ou esquecimento do mundo real.*



Por isso, para evitar esses dois inconvenientes, esoterismo e alienação, será preciso retornar ao andar térreo da Casa e confrontar a experiência mística com a realidade do tempo que nos é dado viver, efetuando a leitura social de nossa vida. Subir novamente os dez degraus e nos reunir ao redor da mesa, redescobrimo que os maristas, Irmãos e Leigos, estamos unidos por causa da idêntica vida que vem de Cristo na qual não cabem esoterismo, nem alienação. Nesse lugar de origem, Marcelino congregou seus Irmãos ao redor da mesa e constituiu, misticamente, seu corpo, comunicando-lhes seu próprio espírito. Um espírito que ainda hoje percebemos em La Valla.

Na casa de La Valla, no mais íntimo e escuro do andar inferior, está presente a cruz de Jesus. O ícone que o visitante-peregrino encontra ao final da descida ilumina a viagem ao centro de seu coração. A cruz, colocada para sua adoração e contemplação, convida a ser assumida para seguir a Jesus, encarnando todos os seus gestos de amor e assumindo sua mesma sorte. O subsolo, silencioso e escuro, transforma em luz radiante nas trevas da morte.

A “espiritualidade”, ou dito de outra maneira, a disposição natural que toda pessoa possui para aprofundar, partilhar e desenvolver as características de seu espírito, encontra na Casa restaurada de La Valla a expressão arquitetônica (plástica), simbólica e religiosa com a qual se identifica facilmente, sem muitas palavras.

Hoje, La Valla é um lar, um farol poderoso de luz para o mundo.

A obra-missão de La Valla ofereceu-me uma chave de ouro nos muitos anos de trajetória profissional no mundo marista, um percurso que iniciei em 1988, no momento da escolarização da minha primeira filha, no Colégio *Maristes la Immaculada, de Barcelona*. O mesmo ano do nascimento de meu filho Paulo, com quem posteriormente partilhei grandes e únicas experiências de criação visual. Em La Valla, vinte e sete anos mais tarde, ambos alcançamos o máximo e radiante nível de expressão.

“De mãos cheias
recebi, com mãos
cheias dou”

*Le Corbusier,
arquiteto 1887-1965*

2. LA VALLA:

ANDAR SUPERIOR, A GRANDE SALA. A MISSÃO



JOAN PUIG-PEY,
ARQUITETO

PROVÍNCIA L'HERMITAGE,
ESPANHA

“RECEBEREIS A VIRTUDE DO ESPÍRITO SANTO, QUE HÁ DE VIR SOBRE VÓS; E SER-ME-EIS TESTEMUNHAS, TANTO EM JERUSALÉM COMO EM TODA A JUDEIA E SAMARIA, E ATÉ OS CONFINES DA TERRA.”

(AT 1,8)

Já indicamos como, ao cruzar o limiar da casa, no pequeno corredor se descobre a imagem de Maria em um nicho escondido. Diante de nós há uma porta que dá acesso a uma escada ampla e luminosa

que conduz à Sala Superior. Este qualificativo por si só já evoca “o espaço” da experiência de Pentecostes, em clara alusão ao que pode acontecer nela. A sala é um espaço arquitetônico de estilo contemporâneo, de altura considerável (quatro metros) e amplas dimensões. Ela se compõe de três fachadas e não tem nenhuma decoração, exceto por um pequeno quadro que repousa em uma armação simples de pintor como se o autor ainda estivesse pintando. Nele aparece Marcelino com o braço estendido, mostrando a um irmão o vale do Gier, o horizonte aberto ao futuro. A mensagem que transmite enche de conteúdo, por si só, todo o espaço: “Veja!” O quadro está sendo pintado, sua mensagem é para hoje. “Se hoje escutais sua voz, não endureçais o coração...”. Nosso hoje é sentido pela arquitetura que se percebe em cada elemento da composição. Por exemplo, as janelas, verdadeiras pontes entre o interior e o exterior. Elas aparecem em cada fachada. Sua composição global é abstrata, constituindo uma geometria original de nichos. Uma delas se abre ao leste, a grande altura e enquadra diretamente o céu. Abaixo dela, organizada segundo o mesmo eixo vertical, outra janela da mesma dimensão e na altura da vista se orienta em direção a Maisonnetes, a minúscula aldeia onde nasceu o Ir. Francisco. Na fachada ao sul, outra cavidade de igual dimensão dirigida para o pátio da escola





vizinha, permitindo vislumbrar à distância o horizonte do vale onde está Notre Dame de L'Hermitage. Ao seu lado o cavalete com o quadro mencionado. Outra janela de proporções insólitas surpreende o visitante. Em uma cavidade de um metro de largura por quatro de altura e um metro de espessura se sobressai do plano da fachada. Esta se abre para o povoado de La Valla, imperceptível pois para descobri-lo é preciso quase entrar nela. Dando um passo à frente, aparece em primeiro plano uma grande antena de telecomunicações da companhia France-Telecom. Incrível! Dentro da Casa damos de frente com o século XXI. Comunicação *on-line* instantânea, internet, Twiter e Facebook... O mundo do futuro que entra na Casa de La Valla para nos questionar. A Sala Superior, de amplas dimensões, branca e luminosa, é um espaço vazio cheio de presente e de futuro. As línguas de fogo do Espírito Santo chegam hoje na forma de *bits* e códigos QR!

"Somos convidados a ser Jesus para os Montagne de hoje, para acompanhá-los com ternura e cuidado em seu caminho", recorda Emili. Sim. Este espaço nos convida a "ver" mais longe, a ampliar nosso "interior", a irradiar e elevar o espírito para sonhar um mundo novo possível, a utopia por descobrir inspirados pela coragem e abnegação de Marcelino, o mundo em busca do qual partiram os primeiros irmãos em busca de limites insuspeitados. A grande Sala Superior da Casa Champagnat é um espaço profético que hoje fala a Irmãos e Leigos. Você também, está disposto a partir?...

Em razão do caráter doméstico da Casa, esse espaço é singular por suas grandes e contrastadas proporções em relação aos demais andares. Por outro lado, é acolhedor e sem nenhuma retórica. Com sua delicada composição e moderna linguagem arquitetônica, confirma, sem impor, nossa vocação para assumir a Missão evangélica hoje, com pouca bagagem. A linguagem da fé corajosa e aquela da arquitetura moderna renovadora se encontram como complementos na grande sala, permitindo escutar a voz revolucionária do Espírito que sussurra ao marista e ao arquiteto: "Vem... Abre... Vai! Renova sem temor!".

A Sala Superior de La Valla confirma a fé no fogo de Pentecostes, como senti nela confirmado um modo singular de ser arquiteto: testemunha da luz, de novas formas e cores, da proporção e da beleza ordenadas ao serviço do ser humano. Isso confirmado na profissão, como campo de colaboração com Ele, sem nunca deixar de ter consciência de minha responsabilidade na construção do mundo que Ele quer, tornando possível instaurar seu Reino. Pentecostes que confirma cada Irmão e cada Leigo no carisma marista e em seu dom particular como artífices de espaços vitais acolhedores, onde o Montagne de hoje descobre seu repouso desejado de convivência e diálogo, desfrutando o amor de família e celebrando a vivência de sua paz e de seu amor.





Joan Puig-Pey
ARQUITETO
PROVÍNCIA L'HERMITAGE,
ESPANHA

LA VALLA: ANDAR TÉRREO, A FRATERNIDADE

“Oh! Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união!”

(Sl 133, 1)

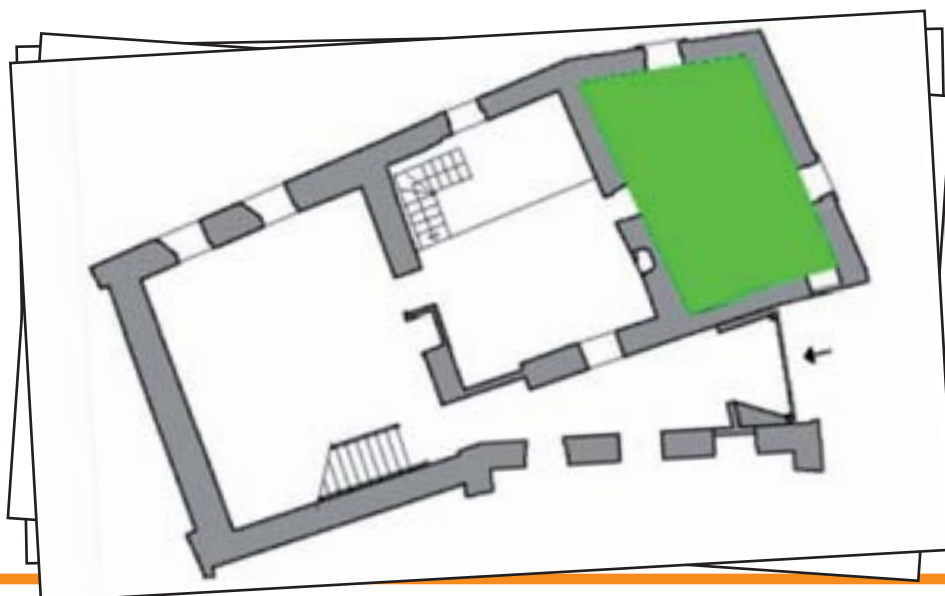
CHEGAMOS NOVAMENTE AO ANDAR TÉRREO DESCENDO A AMPLA E LUMINOSA ESCADA. ESTE ANDAR CORRESPONDE AO NÍVEL INTERMEDIÁRIO DA CASA, À QUAL SE PODE CHEGAR DIRETAMENTE DO EXTERIOR SEM DEGRAUS NEM OBSTÁCULOS.

O visitante se encontra no centro geométrico da Casa. Observa em frente a escada que se dirige ao subsolo, à sua direita a velha porta da sala onde está a mesa e outra porta, à sua esquerda, de estilo moderno, pela qual se chega ao memorial.

Com a altura de uma casa comum (dois metros e setenta centímetros), que contrasta com a grande Sala Superior, o teto é feito de vigas rústicas de madeira e combina com o solo pétreo de concreto polido na cor cinza com tábuas de madeira velha cravadas à moda antiga. Suas paredes de pedra natural, combinadas com a velha argamassa de cal, criam um ambiente rústico sem decoração nem referencial ao conforto contemporâneo. Apenas uma pintura *naïf* junto à entrada, representando o encontro de Marcelino com o jovem Montagne e um grande afresco mural, que evoca uma cena de uma escola básica do século XIX, nos indicam que mudamos de século.

EM TORNO DE UMA MESA, EM TORNO DE JESUS

Atravessando a velha porta chega-se à sala de Champagnat. Ali encontramos a mesa das origens em uma sala que foi deixada com os mesmos materiais contemplados por Marcelino. Ponto de encontro e diálogo, lugar para refazer as forças e compartilhar. Em torno de uma mesa, em torno de Jesus...



Andar térreo de La Valla. Este andar corresponde ao nível intermediário da casa, ao qual é possível aceder entrando diretamente do exterior.

Associados em torno da figura de Jesus, milhares de leigas e leigos de todo o mundo se sentem chamados a viver o Evangelho do jeito de Maria, segundo a tradição do Pe. Champagnat e dos primeiros Irmãos (Emili Turú).

Nosso itinerário, descendo da Sala Superior, chega a este ponto intermediário e já permite intuir claramente como a fraternidade marista que aqui se observa, precisa de um solo sólido sobre o qual apoiar-se para construir o “*vejam como se amam*”. Contemplar aqui a mesa da fraternidade e seu contexto e em “seu” lugar renovado, ao qual se chega facilmente sem obstáculos, simboliza que o novo acesso à experiência de fraternidade marista é simples, amplo e familiar. É o que o próprio Irmão Emili escreve no documento citado: *Nosso último Capítulo Geral nos convidava para uma nova relação entre Irmãos e Leigos para servir melhor à apaixonante missão que a Igreja nos confia.*

SEM COMUNHÃO, NÃO HÁ MISSÃO POSSÍVEL

Em verdade, essa nova relação é sólida (*serve melhor a apaixonante missão*, confirmada no andar superior), se for baseada em uma experiência fraterna. Na casa, o espaço da missão se sobrepõe ao espaço onde se encontra a mesa. Sem comunhão, não há missão possível.

São facilmente compreendidos os objetos de leitura simbólico-religiosa dispostos neste acesso sem barreiras: a imagem de Maria e a pintura da experiência Montagne, duas perspectivas que orientam para o primordial e a qualidade dessa experiência fraterna que se apresenta, um valor que não acaba em si

mesmo, mas que se articula e conecta com outros níveis pessoais (como na Casa, esse nível se conecta com os outros níveis).

A MESA DE UM CONSELHO DE MINISTROS

A experiência de fraternidade ao redor da mesa não se encerra em si mesma dentro do espaço Champagnat: há janelas que se abrem ao exterior. A fraternidade é visível e expansiva em toda instituição de inspiração cristã. No entanto, como indicou André Lanfrey, também *“a Instituição é vista como corpo encarregado de elaborar a lei e de garantir o bem comum no futuro da humilde congregação, em que a gestão aparece como elemento de grande valor.”* Sim, a gestão, valor indispensável para todo corpo estruturado. Se o andar térreo estivesse vazio de conteúdo, a Casa poderia ser um prodígio de recolhimento místico e de ação missionária, mas lhe faltaria a *alma fraterna* necessária que palpita e se nutre do contato e da interação em torno de uma mesa de dimensão humana, na qual a gestão se faz com calma, garante o bem comum e obriga a mística e a utopia a confrontarem-se com a realidade. Se a mesa fosse desmedida, a impressão seria a de um espaço no qual a gestão teria prioridade total. A mesa de um conselho de ministros.

Portanto, a visão simbólico-religiosa permite que a instituição seja vista com alma, como o corpo de Cristo, sua Igreja, na qual todos bebem de um só Espírito, da água vinda do próprio Senhor, tal como em nosso subsolo nos é dado contemplar e se explicará mais adiante.

“As origens da Sociedade de Maria nos recordam

que religiosos e leigos estão associados para a missão e chamados a oferecer o rosto mariano da Igreja com nosso jeito peculiar de ser e de construir Igreja”, observa o Irmão Emili. O fato de que o memorial gráfico das origens maristas (com as pinturas *naïf*) e a imagem de *Notre Dame de Pitié* se encontram no mesmo andar, não só responde a uma necessidade de distribuição arquitetônica e funcional dos espaços, como carrega esta mensagem: que na história marista das origens, a partir de La Valla, vislumbra a necessidade de cooperação entre todos os membros e aspirantes para a unidade do conjunto que, como um corpo humano, busca que todos se preocupem uns com os outros e não sofra divisão.

Dia 2 de janeiro de 1817... esforço, ampliação, deserções, novas vocações... Uma história nada fácil que avança graças a essa cooperação e ideal de unidade, que oferece um rosto e um jeito peculiar de ser. Transferida para o plano arquitetônico, a restauração permite vislumbrar na experiência de La Valla a história de uma comunidade nascente e o relato da necessidade fraterna e solidária entre todos os seus membros para construir Igreja.

O QUE CONTAGIOU, CONSOLIDOU E PROJETOU OS PRIMEIROS IRMÃOS?

Portanto, a mesa e a história dos primeiros tempos partilham o mesmo nível físico. E com isso surge a questão: o que contagiou, consolidou e projetou os primeiros Irmãos? Não há dúvida: foi a experiência de comunhão fraterna que incendiou almas e corações e os impulsionou a sair de La Valla e explorar novos horizontes. A imagem de *Notre Dame de Pitié*, no mesmo espaço, recorda que o caminho é árduo e com frequência se avança com sofrimento. Sua presença enriquece a leitura desses primeiros tempos maristas.



À esquerda a mesa de La Valla antes da reestruturação e a direita depois da reestruturação